

POLÍTICA

O coronel sustenta acusações ao SNI e a Cruz

"Nunca fui xerife de faroeste e não o seria agora. Jamais reivindiquei — a formação profissional me obriga a ser discreto — uma postura de testemunha-chave ou de dono da verdade sobre o caso Baumgarten. Uma vez chamado a depor sobre a morte de um

amigo meu e amigo das instituições às quais servi, não poderia recusar, pois era a minha própria consciência que me impunha esse dever."

Com estas palavras, o coronel Luiz Helvécio da Silveira Leite — ex-1º subchefe da Agência Central do SNI e ex-diretor administrativo e financeiro da falida Agropecuária Capemi — reagiu a comentários atribuídos a autoridades policiais de que pouco contribuirá, com seu depoimento, para a elucidação do assassinato de Alexandre von Baumgarten, de sua mulher e do barqueiro.

"Se algum suspense foi criado em torno de minha figura, talvez tenha sido mais por guardar silêncio, já que como militar devo manter discreção. A opinião pública, que acompanha o caso pela imprensa, tem testemunhado que, mesmo com ofensas assacadas contra a minha pessoa por elemento sob fortes suspeitas de terem participado do crime, não tenho devolvido tais insultos, fiel, mais uma vez, à minha formação militar e ao meu caráter."

Desmentindo Cruz

Entre os documentos que deixou na polícia, para provar as ligações de Baumgarten com o SNI, na época em que dirigia a revista *O Cruzeiro*, está uma carta do jornalista assassinado ao ministro-chefe do SNI, general Octávio Medeiros, com cópia para os generais Newton Cruz e Ademar Messias de Aragão.

"Essa carta, de 14 de abril de 1981, é um atestado flagrante da vinculação de Baumgarten com o grupo do SNI. São, portanto, desprovidas de fundamento as constantes negativas do general Newton Cruz de que o SNI não tinha nenhuma vinculação com a editora de Baumgarten" — frisou Luiz Helvécio.

Na carta, Baumgarten afirma que, "no correr do mês de julho de 1979, o signatário... fez um acordo com o general Newton de Oliveira e Cruz no sentido de editar a revista *O Cruzeiro*. Segundo esse acordo, a Agência Central do SNI, em uma primeira fase, se incumbiria de conseguir recursos



Fontenelle, o amigo dos Figueiredo, garante: sua indicação para apurar o caso foi ato de rotina.

O ex-encarregado do inquérito disse não se considerar suspeito por suas amizades



da ordem de oitenta milhões em publicidade ou espécie. Em uma etapa posterior trinta milhões de cruzeiros, em torno dos quais aliás foram mantidos entendimentos com o ex-ministro Said Farhat por representantes do chefe da AC do SNI, que se fizeram acompanhar pelo signatário desta".

Depois, Baumgarten reclama que o SNI não cumpriu "o compromisso assumido", apesar de a revista publicar em todos os números, até aquela data, "matérias de interesse do SNI". Conta ainda que a editora foi oferecida à Capemi, que "assumiu compromissos da ordem de 7 milhões de cruzeiros líquidos para a compra de papel e impressão dos números 27 e 28 da revista". Depois disso, no entanto, o jornalista diz que após a conclusão de uma auditoria na empresa circularam informações de que o negócio não mais seria feito em função da "improbidade administrativa dos diretores da empresa e notadamente do signatário". E conclui, afirmando que "sem uma injeção mínima de meios" a revista iria à falência, pedindo a compreensão do general Medeiros, mesmo porque, ele argumentou, sempre agiu corretamente em seus negócios com o SNI "e sempre dei cobertura ao presidente João Figueiredo".

Altair Baffa

Por que o delegado não quis identificar a morta?

O delegado João Fontenelle, o responsável pelas investigações do caso Baumgarten de dezembro de 82 a março de 83, admitiu ontem sua amizade com oficiais militares, entre os quais o general Euclides Figueiredo, a cuja posse no comando da Vila Militar ele foi assistir, quando era encarregado das investigações. Apesar disso, o policial disse que não se considerava suspeito para apurar um crime que tinha como acusados principais outros oficiais do Exército. O delegado disse, ainda, que o fato de ter saído de um cargo administrativo para a 16ª Delegacia, onde ficou responsável pelo polêmico inquérito, "foi um ato de rotina".

"Como cabo raso, sou amigo da família Figueiredo e não vejo nada demais em ter ido à posse do general Euclides. Fiz pelo inquérito o que foi possível fazer. Vocês não se devem esquecer que na área da 16ª DP (barra da Tijuca) acontecem muitos assaltos, roubos, furtos, estupros, seqüestros e de

sobremesa ainda me apareceu o caso Baumgarten."

O delegado Fontenelle foi visto ontem à tarde, quando deixava a Secretaria de Polícia Civil, onde tinha ido conversar com o atual encarregado das investigações, delegado Ivan Vasques. Ele concordou em responder a algumas perguntas dos jornalistas, mas outras mandou que fossem dirigidas ao promotor Murilo Bernardes, que acompanha o inquérito. Mais tarde, o promotor mostrou-se surpreso com isso e disse nada ter a responder sobre a presença do delegado Fontenelle na Secretaria.

O policial negou ter amedrontado a mãe e a avó de Jeanette Hansen, dizendo às duas, em 1983, que "iria virar um camarão frito" se elas reconhecessem a mulher que aparecera morta em Teresópolis como Jeanette.

João Fontenelle não explicou por que não levou a avó e a mãe de Jeanette e nem mesmo outras pessoas ligadas à mulher de Baumgarten, para que reconhecessem o corpo da mulher achada carbonizada em Teresópolis. Através de um exame de fotos, as duas tinham declarado que a mulher carbonizada era "muito parecida" com Jeanette. Mesmo assim, Fontenelle não levou nin-

guém a Teresópolis ou sequer requisitou os anéis que estavam nas mãos da morta, para fazer o reconhecimento. Ele chegou até a prometer que levaria Ana Maria Timm, secretária de Baumgarten, a Teresópolis, fazer esse reconhecimento, mas acabou não cumprindo a promessa. O delegado Ivan Vasques revelou que algumas fotos que constavam do inquérito desapareceram.

O seqüestro

A polícia afastou a possibilidade do jornalista Alexandre von Baumgarten ter sido seqüestrado dentro de casa e não na praça 15, para onde se dirigiu com a mulher, Jeanette Hansen, a fim de encontrar o barqueiro Manuel Português e sair para uma pescaria. O delegado Ivan Vasques localizou o porteiro João Primo, que trabalhava no prédio do jornalista, no Leblon, e este garantiu: Baumgarten saiu acompanhado apenas da mulher, na madrugada do dia 13 de outubro de 1982, e ele ainda cumprimentou o casal. O jornalista desceu à garagem e pegou o carro, achado posteriormente na praça 15.

O dossiê

O delegado Ivan Vasques, quer saber por que algumas pessoas a quem o jornalista entregou cópias do dossiê em que aponta seus prováveis assassinos, não procuraram qualquer autoridade policial para entregá-lo, após sua morte. Para isso, Ivan Vasques ouve hoje os depoimentos do publicitário Sérgio Timm Armando, ex-marido de Jeanette Hansen, companheira de Baumgarten, e seu amigo, Luiz Carlos Cunha.

Segundo os depoimentos até agora colhidos, Sérgio Timm, a quem Baumgarten confiava uma das cópias de seu relatório, através da companheira, entregou-a inicialmente ao amigo Luiz Carlos Cunha, que após três meses devolveu-o. Timm passou então a cópia a sua irmã, Ana Maria, que entregou a um militar de nome Marcelo Rosa. A partir daí não se tem mais conhecimento do paradeiro desse relatório.

Exumação

O promotor Murilo Bernardes Miguel, do 1º Tribunal do Juri, que acompanha o inquérito, revelou ontem que provavelmente daqui a dez dias será feita a exumação dos restos mortais totalmente carbonizados de um homem, achado no dia 16 de outubro de 1982, em Teresópolis, e que se supõe sejam do barqueiro Manuel Português. O Barqueiro, que desapareceu no dia 13 de outubro de 1982, juntamente com Baumgarten e Jeanette, era quem habitualmente levava o casal para as pescarias em sua traneira, até hoje desaparecida.

Maurício Menezes e Ruy Portilho